

PRESENTE DE NUPCIAS

(Original em 3 atos de Erico Cramer)

1º ATO

Herculano - Amilton  
Natália - Lourdes  
Aloísio - Roberto  
Ana Célia - Rosa Maria

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

Natália - (afastada) Dá licença, doutor?

Herculano - Ah, Natalia, entre. Como vai você?

C/REGRA - PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM.

Natália - (aproximando-se) De saúde bem, felizmente, mas muito preocupada com o seu amigo e colega, doutor. É até por causa dele que estou aqui.

Herculano - O que é que ele quer?

Natália - Ele não quer nada. Quem quer sou eu. Ele nem sequer imagina que, a esta hora, eu esteja aqui no seu consultório, tramando qualquer coisa contra ele. Quer dizer... contra ele, não. Contra o que ele tem vontade de fazer e eu não desejo que ele faça.

Herculano - Já, sei. É o caso, aquele, da senhorita Ana Célia, não é?

Natália - Exatamente.

Herculano - Ele continua com a mesma disposição inicial?

Natália - Infelizmente, doutor Herculano e eu queria lhe pedir que o senhor voltasse a falar com ele sobre o assunto, para aconselhá-lo a não cometer semelhante crime.

Herculano - Você considera "crime" o medico dizer a uma ~~uma~~ cliente o seu verdadeiro estado <sup>de saúde</sup> e aconselhá-la a seguir o único caminho que realmente existe para a sua cura?

Natália - Dr. Herculano, o senhor não está sabendo a verdade dos fatos e foi para inteirá-lo de tudo que vim ao seu consultório.

Herculano - Nesse caso, fale, Natália. Vamos ver. O Aloísio me expoz o caso todo e me afirmou que os exames de laboratório foram positivos, não deixando a mínima dúvida ao seu diagnóstico.

Natália - Mas o senhor não viu os exames de laboratório? Ou viu?

Herculano - Não. Realmente não vi, mas não tenho o direito de duvidar da palavra do Aloísio, principalmente em se tratando de um caso tão sério.

Natália - Pois aí é que está o ponto nevrálgico da questão, doutor Herculano. O seu colega e amigo, depois de vinte três anos de uma conduta irrepreensível na profissão, quer, de um momento para o outro, jogar por terra o admirável monumento de dignidade profissional que ele mesmo



construiu, à custa de esforços e de sacrifícios.

Herculano - Como assim, Natália? Confesso que não estou compreendendo aonde você quer chegar.

Natália - Doutor Herculano, eu vi, por acaso, na gaveta do "bureau" do Dr. Aloísio, os exames de laboratório da senhorita Ana Célia.

Herculano - E daí, Natália?

Natália - Daí... cheguei à terrível conclusão de que o doutor Aloísio mentiu.

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO EM CIMA DA PALAVRA "MENTIU", SEM CORTAR A CENA.

Herculano - (depois de pequena pausa de espanto) Mentiu?!... (Baixa o tom) Não é possível, Natália. Você deve estar enganada.

Natália - (dolorosa) Antes estivesse, doutor Herculano. O senhor bem sabe que o doutor Aloísio, desde que salvou a minha filha daquela paralisia terrível, tornou-se, para mim, um verdadeiro ídolo. Quero-o muito mais como a um amigo, do que como a um bom patrão para quem trabalho há quase quinze anos, mas infelizmente a verdade é esta: ele mentiu. Vi, com os meus próprios olhos, o resultado dos exames da senhorita Ana Célia e posso lhe afirmar que ele é negativo.

Herculano - Mas eu não posso compreender com que intenção o Aloísio está procedendo dessa maneira.

Natália - É simples, doutor. Para mim, pelo menos, que o venho de longe observando. Ele está perdidamente apaixonado pela senhorita Ana Célia.

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO, SEM CORTAR A CENA.

Herculano - Não é possível, Natália! Não é possível!...

Natália - Não é possível, por que?

Herculano - Ela é uma menina de dezoito ou dezenove anos, ele um homem de quase cinquenta. Além disso, segundo você mesma me contou, ela está noiva e em véspera de casar.

Natália - Nada disso poderá impedir um homem de se apaixonar, doutor Herculano. O senhor, que é também um homem maduro e experiente, sabe, como eu sei, que o coração não aceita razões quando o amor o subjuga.

Herculano - Bem... lá isso é verdade. Não digo isso por experiência própria, mas sei que é verdade. Mas, afinal, que resultado ele pensará obter dessa mentira?

Natália - Afastar o noivo, está claro. Naturalmente ele considera o rapaz como o único impecilho à realização do seu anceio de felicidade. Afastando-o e continuando a conviver com ela, por força de um tratamento diário



que lhe indicará, ele alimenta a esperança de conseguir conquistá-la.

Herculano - É incrível tudo isso, Natália. Se não fôsse você que me contasse, você, a quem eu conheço tão bem e há tantos anos, garanto-lhe que eu não acreditaria numa só palavra do que acabo de ouvir.

Natália - ~~Na mesma condição a mim~~ <sup>Custou-me, a mim, também,</sup> ~~me~~ convencer da verdade, doutor. Muitas vezes dizia a mim mesma que não podia ser, que eu tinha que estar enganada, mas os fatos, a pouco e pouco, iam confirmando as minhas desconfianças. Primeiro, foi aquele abatimento terrível em que êle ficou, quando ela saiu do consultório, logo após à sua primeira consulta; depois... a sua terrível ansiedade pelo resultado dos exames de laboratório, que, mal chegaram, e êle trancou na sua gaveta sem me dizer uma só palavra a respeito. ~~deles.~~ Depois, ainda, esses dias todos que está levando para se resolver a dizer a ela qualquer coisa em definitivo. Vive a enganá-la que os exames ainda não estão prontos, que são várias provas, que demoram sempre muito, que os laboratórios estão assoberbados de serviço e outras coisas mais, quando a verdade é uma só: o tremendo conflito entre a sua consciencia profissional e o seu desmedido anseio de felicidade. E é isso que me traz aqui, doutor Herculano: venho suplicar-lhe que vá em socorro do seu amigo, antes que êle se deixe arrastar pela indignidade.

Herculano - (depois de pausa, grave) Natália, o que você me pede não é fácil de fazer-se. Você, naturalmente, não ha de querer que eu diga a êle uma só palavra de tudo quanto você me contou. Eu compreendo a sua posição e não posso usá-la como argumento. Serei obrigado, antes de tudo, a força-lo, com habilidade, a uma confissão. Mas... e se ele fugir a ela? Aloísio é inteligente e sabe esgueirar-se, quando preciso.

Natália - Bem, doutor Herculano, eu não desejava, efetivamente, envolver-me num assunto que poderá custar-me a antipatia e - quem sabe? - a repulsa de um homem a quem prezo e estimo profunda e sinceramente, mas... se não houver outra maneira de fazer com que ele fale do assunto ao senhor o senhor está autorizado a dizer-lhe que fui eu que lhe falei porque estou seriamente preocupada com as coisas que estou prevendo.

Herculano - Bem, sendo assim já tudo se tornará mais fácil.

Natália - Mas que esse recurso seja usado, pelo senhor, só em última instancia, doutor; eu lhe suplico encarecidamente.

Herculano - É claro, Natália, é claro. Pode ficar inteiramente tranquila.



Natália - Doutor, eu lhe agradeço de fundo d'alma o que vai fazer e só desejo que um anjo fale pela sua boca no momento de aconselhar o seu amigo.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO.

Aloísio - Que milagre você aqui, Herculano! Não creio que tenha vindo consultar-me. O seu aspecto é ótimo.

Herculano - Não, não, realmente não vim consultar-te, mas posso te garantir que o assunto que me trouxe aqui é tão ou mais sério do que uma consulta.

Aloísio - Que é isso, meu amigo? Você está me assustando.

Herculano - Assustado estou eu contigo e por isso estou aqui para botar-te em confissão.

Aloísio - (ri, discreto) Óra essa!... Palavra que ainda não atinei com o rumo que . você pretende imprimir ao ~~seu~~ assunto.

Herculano - Espera um pouco e verás. Fomos colegas na Faculdade e tu me conheces bem. Sabes, perfeitamente, que não sou homem de meias palavras nem meias medidas. O que tenho que dizer, digo logo e sem rodeios. Estou aqui para falar-te sobre uma certa cliente tua que...

Aloísio - (corta) Já sei. Natália foi bater com a língua nos dentes e contar-lhe uma série de absurdos que ela anda a imaginar. Francamente, Herculano, eu começo a desconfiar da sanidade mental de Natália, ou então ela está atacada de caduquice precóce, porque eu não sei de ninguém que, normalmente, possa caducar aos ~~quarenta~~ <sup>quarenta</sup> e seis anos.

Herculano - Bem, ela não me disse nada de mais. Apenas se mostra apreensiva com o teu profundo abatimento em face do caso da tua cliente.

Aloísio - É muito natural que assim seja, Herculano. Tivesse você uma cliente de dezoito anos apenas, lindíssima como é Ana Célia, noiva, cheia de entusiasmo pela vida, e em vésperas de realizar o seu casamento e fôsse você obrigado a ditar-lhe uma sentença de morte, eu estou certo de que não sentiria um abatimento menor, a menos que você tivesse uma pedra em lugar do coração.

Herculano - Mas você está bem certo da exatidão dos exames que mandou proceder no laboratório?

Aloísio - Por que me faz semelhante pergunta, Herculano? Duvida do meu critério de homem ou de profissional?

Herculano - Não desejo duvidar de um nem de outro.

Aloísio - E não tem o direito de duvidar. <sup>(exalta)</sup> Não lhe dou esse direito, entende?

Herculano - Calma, Aloísio, calma. Não é preciso que te exaltes. Para que?



Precisas compreender, antes de tudo, que vim te falar como amigo e não como inquisidor.

Aloísio - E como amigo nada mais poderá fazer, sinão aconselhar-me a cumprir com o meu dever de médico.

Herculano - Exatamente.

Aloísio - E foi apenas isto o que lhe trouxe aqui?

Herculano - Apenas isto.

Aloísio - Pois então não era preciso que você se abalasse do seu consultório, para vir ditar uma norma que já é seguida por mim ha vinte e tres anos ininterruptos. Sei que é um dever doloroso, mas estou disposto a cumpri-lo.

Herculano - Isso Alóísio. Era isso que eu queria ouvir de ti e agora volto tranquilo. E não te aborreças com Natália como te aborreceste comigo. Ela te quer bem e ficou preocupada.

Aloísio - (ainda queimado) Natália é uma ~~velha~~ idiota, mas a culpa é inteiramente minha que lhe dou tempo bastante para imaginar bobagens. De agora em diante, já sei como proceder com ela. Não ha de lhe sobrar tempo para bisbilhotices nem fuchicos.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL DE SEPARAÇÃO.

Natália - Doutor...

Aloísio - Sim?

Natália - (voz misteriosa) Ela está aí.

Aloísio - (baixa o tom) Veio só?

Natália - (idem) Sim. O noivo telefonou dizendo que não vinha acompanhá-la por não poder abandonar o escritório, mas que viria mais tarde buscá-la, quando o sócio chegasse.

Aloísio - Faz, então, com que ela entre, antes que ele possa vir.

Natália - Tem uma outra cliente que está antes dela.

Aloísio - Não importa. Faz com que ela entre primeiro e dá, depois, qualquer desculpa à outra.

Natália - Está bem, doutor. (saida falsa)

Aloísio - <sup>ohe!</sup> E si ele chegar quando ela estiver aqui dentro, prende-o lá por fora para que não nos interrompa.

CONTROLE - RÁPIDA CORTINA DE SEPARAÇÃO.



Aloísio - E então? Como tem se sentido nesses últimos dias?

Ana - O meu estado geral, doutor, parece que melhorou um pouco, com as injeções que o senhor me receitou. Já não me sinto tão desanimada como nos primeiros dias em que vim ao seu consultório, mas a dorzinha local continua sempre doendo e, não raro, para poder dormir, sou obrigada a fazer uso daquele sedativo que o senhor me indicou. Que lhe parece que possa ser isso, doutor? Os exames de laboratório vieram, finalmente?

Aloísio - (depois de pausa) Vieram, sim, Ana Célia.

Ana - (inquieta) E acusam alguma coisa?

Aloísio - Ana Célia, eu estava à espera de uma oportunidade como esta, em que estivessemos os dois sósinhos, para conversar seriamente com você.

Ana - (receosa) Pois não, doutor, eu... eu estou às suas ordens... pode falar.

Aloísio - Eu talvez venha a ser um tanto rude com você, em face do que lhe vou dizer, mas sendo você uma moça viva, independente e sem parentes próximos, não me resta outro remédio senão proceder desta forma.

Ana - Compreendo, doutor, e lhe agradeço <sup>por</sup> ~~de~~ proceder assim comigo. Eu não quero estar enganada.

Aloísio - Não será fácil, para mim, dizer-lhe a verdade porque, infelizmente, ela é bastante amarga, ou melhor... é uma verdade cruel, mas ha de veres aos quais um médico não pode fugir e eu me encontro, desgraçadamente, nessa terrível contingencia.

Ana - O meu mal... não tem cura? (Pausa) Pode falar, doutor, eu... eu estou preparada.

Aloísio - Bem, eu... eu não posso dizer a você que o seu mal não tenha cura, mas também não posso lhe garantir que ele seja curavel sem... bem... você terá que se sujeitar a uma intervenção cirurgica e só na ocasião dessa intervenção é que eu poderei aquilatar, com precisão, a verdadeira intensidade do seu mal e então ~~poderei~~ dizer se <sup>ele</sup> será curavel ou não.

Ana - E essa intervenção, doutor, será...

Aloísio - (depois de pausa) Você... você terá que extirpar o seu seio, Ana Célia.

CONTROLE - ENTRA COM AGORDE TRÁGICO EM CIMA E FUNDE COM MUSICA PARA FINAL DO



CONTROLE - MUSICA PARA ABERTURA DO 2º ATO.

Ana - Doutor... o senhor... o senhor disse que eu... que eu terei que arrancar o meu seio?!...

Aloísio - Infelizmente, Ana Celia.

Ana - Mas então... então é um cancer que eu tenho.

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO, RÁPIDO E SECO, SEM CORTAR A CENA.

Aloísio - (depois de pausa) Sim.

Ana - (idem, emoção) Não... não haverá uma solução... menos cruel?

Aloísio - Desgraçadamente, não.

Ana - E... e se eu não quizer me sujeitar à intervenção? Se eu me negar a fazê-la?

Aloísio - Terá, então, no máximo, seis meses de vida.

Ana - (pensativa) Seis meses!

Aloísio - Você deve se sujeitar à operação, Ana Celia. É a única chance que a vida lhe apresenta.

Ana - O senhor sabe o que representa para mim, que sou moça e bem feita, mutilar o meu corpo?

Aloísio - Imagino, sim e lastimo sinceramente, mas... não vejo outra alternativa.

Ana - O meu busto, doutor, foi sempre uma das coisas que eu mais me orgulhei de possuir. (Chorosa) Eu sou moça, doutor... estou noiva... devo me casar dentro de quinze dias e assim como esta notícia foi, para mim, um choque horrível, ha de ser, também, para o meu noivo. Como poderei dar-lhe semelhante notícia? Diga, por favor. Como?

Aloísio - Se você me autorizar eu mandarei chamá-lo e dir-lhe-ei com jeito.

Ana - Não, doutor, não! Eu não quero que ele saiba de nada. Pelo menos por óra. Eu preciso pensar no que deva fazer. Estou de tal forma aturdida com a revelação que o senhor acaba de me fazer que não posso pensar no que seja melhor.

Aloísio - Se você me permitisse uma sugestão, eu lhe diria que contasse a ele toda a verdade. Si ele a amar verdadeiramente, não ha de ser este fato que haverá de alterar os seus sentimentos. Naturalmente ficará pesaroso por você, mas estou bem certo de que ele ha de preferir conservá-la, mesmo mutilada, por um tempo maior, do que tê-la, perfeita, por cinco ou seis meses apenas.



Ana - Bem, doutor, eu vou para casa pensar em tudo isto e amanhã volta rei aqui para lhe dizer o que resolvi.

Aloísio - Está bem, Ana Celia. Vá, pense... e resolva, mas não esqueça o que lhe vou dizer: a operação, sem ser uma solução ideal, é, ainda assim, a que melhor poderá resolver o seu caso. (Tom) *Obhe:* Leve estes pequenos comprimidos e ~~um~~ tome dois, antes de deitar-se. Eles acalmam os nervos e lhe farão dormir.

Ana - Obrigada, doutor. Eu volto amanhã.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO.

C/REGRA - DISCA CINCO NUMEROS, DEPOIS DE LEVANTAR O FONE DO GANCHO.

Natália - (depois de pausa de espera) É o doutor Herculano? (Pausa) É Natália quem fala aqui. (Pausa) Bem, obrigada, doutor; o senhor está bem? (Pausa) Doutor, aconteceu tudo como eu previra. (Pausa) A moça esteve ontem aqui e saiu num abatimento de fazer dó. Também, pudera! Depois de tudo que ele disse à coitada... (Pausa) Não pude ouvir tudo porque, de vez em quando, era obrigada a vir à sala de espera atender alguém que chegava, mas o que ouvi foi suficiente para saber que ele mentiu para a pobre moça. (Pausa) Ela ficou de voltar hoje à tarde para resolver se opera ou não. (Pausa) O senhor acha que ele não terá coragem de chegar a tanto? Pois eu lhe digo que depois do que ele já fez eu não duvido mais nada. Estou certa, agora, de que ele será capaz de mutilar a creatura para que o noivo se desinteresse por ela e lhe deixe o caminho livre. (Pausa) Ficou de vir à tardinha para resolver. (Pausa) Está bem, doutor, em seguida que ela tenha vindo eu voltarei a telefonar ao senhor e lhe dizer o que ficou resolvido. (Pausa) Obrigada, doutor. Até logo, então.

C/REGRA - RUIDO DE PENDURAR FONE NO GANCHO.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO.

Ana Celia - Boa tarde, doutor.

Aloísio - Boa tarde, Ana Celia. Você demorou tanto...

Ana - Eu disse ao senhor que viria à tardinha.

Aloísio - Eu estava ansioso. Nunca as horas de uma tarde me pareceram tão arrastadas. Atendi todos os outros clientes pensando só em você. Ela virá? Não virá? Terá ido a procura de outro médico?

Ana - Óra, doutor... por que havia eu de procurar outro médico? Se vim



ao senhor foi porque tive as melhores referencias ao seu critério e capacidade profissional e nem por um instante me passou pela cabeça qualquer sombra de dúvida a respeito do seu diagnóstico, tanto mais que, para infelicidade minha, ele foi confirmado pelos exames de laboratório.

**Aloísio** - Tudo isso comprova o seu equilíbrio de cérebro e de nervos, Ana Gélia, mas a verdade é que a quasi totalidade dos nossos clientes, quando as nossas previsões não lhes favorecem, buscam, desesperados, a mentira piedosa ou sem escrúpulos de um outro médico. Eu, feliz ou infelizmente, não sei proceder assim. Aprendi a viver sempre dentro da verdade e não sei falseá-la, de forma que, às vezes, sou um tanto cruel, como fui com você.

Ana - Eu prefiro assim, doutor. Não gosto de ser enganada. Prefiro sempre a verdade, por dura e terrível que ela seja.

**Aloísio** - Será mais uma circunstância <sup>a concorrer</sup> para que melhor nos entendamos. (Tom) Bem, mas vamos ao que mais nos interessa. Resolveu alguma coisa?

Ana - Resolvi, doutor.

**Aloísio** - (Depois de pausa) Diga, então.

Ana - (*idem*) Eu... eu não quero me operar, doutor.

**Aloísio** - <sup>mas</sup> Não é possível, menina. É a última chance que lhe resta. Por que deixar de tentá-la?!

Ana - Não quero, doutor. Não quero e suplico-lhe que não insista.

**Aloísio** - Não posso deixar de insistir. Como posso aceitar que me fuja uma vida sem tentar socorrê-la? Sem procurar fazer o que seja possível para salvá-la?

Ana - É inútil, doutor. Eu estou resolvida a não me deixar operar.

**Aloísio** - Sabe que não terá mais que seis meses de vida, si não tentar a operação?

Ana - Sei. O senhor já me disse isso, mas mesmo assim não quero ser operada.

**Aloísio** - E por que? Crê que a estou enganando e que poderá ficar bôa mesmo sem a intervenção?

Ana - Não, doutor. Sei que o senhor me disse a verdade e que terei, realmente, pouco tempo de vida, mas ainda assim, prefiro esse pouco tempo com o meu corpo aparentemente perfeito, do que prolongá-lo <sup>por alguns</sup> ~~um pouco~~ mais e *ficar* mutilada. Isto, para uma moça da minha idade e que se orgulha da sua plástica, é pior do que a morte, doutor.



Aloísio - A vida vale mais que tudo, menina.

Ana - Nem sempre, doutor. Ha momentos em que <sup>a</sup>/trocamos, de bom grado, por qualquer morte. (rápida) Não, não doutor, não discuta. O senhor sa<sub>be</sub> que eu estou dizendo uma verdade. Insiste na sua mentira por pie<sub>dade</sub>, apenas, mas é inútil porque não logrará convencer-me. Quer sa<sub>ber</sub> de uma coisa? Eu amo apaixonadamente ~~ao~~ meu noivo e sei que ele também me ama, mas, mais do que amar ele me deseja e eu o sinto com este sexto sentido que nós mulheres possuímos. Muito mais do que ao meu espírito, ele se sente preso e atraído pelo meu corpo, que diz ser escultural. Se ele soubesse que esse corpo seria mutilado antes que ele o houvesse possuído... tenho certeza de que se casaria por pie<sub>dade</sub> ou não se casaria e eu não desejo uma coisa nem outra. Quero ser dele tal como ele me conheceu e me desejou. Vivido esse momento de felicidade... o que possa vir depois, já não interessa mais. A felicidade, como ele a sonhou, foi ~~vivida~~ <sup>vivida</sup> por ele ~~ao~~ <sup>vivida</sup> menos alguns dias. Será o meu consolo supremo e para que eu possa experimentá-lo, faço-lhe um apelo angustioso: oculte de todos o mal que me consume. De todos, doutor, de todos... mas principalmente dele. (Pausa. emoção) Posso... posso contar com o seu silencio absoluto? (Pausa) Responda, doutor. Eu quero levar, daqui, ao menos a certeza de que o senhor não falará a ninguém.

Aloísio - Está bem, Ana Celia. Eu calarei, prometo.

Ana - Obrigada, doutor. Muito obrigada. Hei de lembrar-me, sempre, desse seu gesto magnífico!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

C/REGRA - RUIDO DE DISCAR TELEFONE.

Natalia - (depois de pausa) Alô! É o doutor Herculano? (Pausa) É Natalia quem fala aqui. A moça veio, doutor. Saiu daqui ha meia hora, talvez. (Pausa) Felizmente resolveu não ser operada, embora ele tivesse insistido muito para que ela se submetesse à intervenção. (Pausa) Agora não posso lhe contar os detalhes da cena porque ele ainda está no seu gabinete e pode surgir aqui na sala a qualquer momento. Quando sair daqui passarei no seu consultório. (Pausa) Está abatidíssimo. Mandou que o despachasse os outros clientes e até agora está lá dentro encerrado. (Pausa) Está bem, doutor. Pouco depois das sete e meia eu passarei por aí.



C/REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL TEMPESTUOSA.

Aloísio - Que há?

Herculano - Nada. Vim ver-te, apenas.

Aloísio - Não acredito. Tua presença no meu consultório deve trazer uma intenção oculta. Por que não falas francamente?

Herculano - Pois bem, é que eu tenho notado o teu abatimento destes últimos dias e estou aqui para que me confesses o que está te afligindo.

Aloísio - Não ha nada de extraordinário. Tenho, apenas, as preocupações naturais de todos os médicos e tú, como tal, deves saber perfeitamente disso.

Herculano - Claro que sei e justamente por isso é que estou aqui com a intenção de ajudar-te, si me fôr possível.

Aloísio - Agradeço-te, mas não estou necessitando de ajuda.

Herculano - Está bem, não insistirei... mas, já que estamos juntos, o que tão raramente acontece, embora sejamos velhos amigos, aproveitemos a oportunidade para conversar um pouco. Dispões de um quarto de hora para trocarmos impressões?

Aloísio - Si desejas, realmente, apenas conversar...

Herculano - É claro que sim. Ambos trabalhamos tanto... sendo tão amigos, seria interessante que falássemos, de vez em quando, sobre o nosso trabalho... sobre os nossos clientes... Tú, por exemplo, tiveste um caso bem interessante que, por sinal, quasi ocasionou um atrito entre nós; lembras-te?

Aloísio - Lembro-me, sim.

Herculano - (fingindo displicencia) Em que ficou aquele caso, afinal? A moça chegou a ser operada?

Aloísio - Não.

Herculano - Por que? Não era... o que tu supunhas?

Aloísio - Era.

Herculano - Não havia mais tempo de aplicar a cirurgia?

Aloísio - Havia e ha, mas, ela não quer ser operada.

Herculano - Por que? Tem medo da operação ou não acredita no sucesso?

Aloísio - Prefere morrer perfeita do que viver mutilada.

Herculano - Bem... ela é moça... bonita... naturalmente vaidosa... até certo ponto a gente tem que compreender e respeitar a vontade dela.



Aloísio - (num salto) Pois eu não compreendo e não estou disposto a respeitar uma tola vaidade quando uma vida está em jogo.

Herculano - Que vais fazer? (leve ironia) Operá-la à força?

Aloísio - Não. Vou faltar à palavra empenhada, mandar chamar aqui o seu noivo, dizer-lhe toda a verdade e fazer com que ele a obrigue à operação.

Herculano - Não, Aloísio, tú não vais fazer isso.

Aloísio - E por que não?

Herculano - Porque não tens o direito de fazê-lo.

Aloísio - E por que não tenho o direito? Podes me fazer o favor de dizer?

Herculano - Porque tu sabes que essa moça não precisa ser operada.

CONTROLE - RAJADA MUSICAL TRÁGICA, SEM CORTAR A CENA.

Aloísio - O que?!?! Como foi que tú disseste?

Herculano - Tú sabes, perfeitamente, que essa moça não precisa ser operada.

Aloísio - Eu sei? Quem te meteu na cabeça tamanha imbecilidade?

Herculano - Tua enfermeira viu o exame enviado pelo laboratório e afiançou-me que o resultado da pesquisa foi negativo.

Aloísio - Minha enfermeira? (Pausa e tom) Eu devia ter visto, logo, que tamanha imbecilidade só poderia sair do cérebro de Natália.

Herculano - Tú podes me dar a tua palavra de honra de que o exame dessa moça, qua trazes fechado a chave na gaveta do teu bureau, apresenta um resultado positivo? (Pausa) Vamos, não vacila e responde logo.

Aloísio - Bem... o exame é realmente negativo, mas...eu... eu pedi ao laboratório que me desse um resultado falso porque... tú compreendes, é duro dizer-se a alguém uma verdade tão impiedosa...

Herculano - Não obstante, tú disseste a verdade a ela que eu sei.

Aloísio - Disse, realmente, mas só procedi assim quando fui sabedor de que ela não tinha parentes próximos e era uma moça só.

Herculano - Mentira. Tú só procedeste assim quando não pudeste mais resistir aos embates da paixão e viste, nessa trama hedionda, a única possibilidade de afastá-la do noivo e aproximá-la de ti.

Aloísio - (violento) Cala-te! Tú não tens o direito de me infamar de maneira tão torpe.

Herculano - Não me calarei. Quero sacudir a tua consciencia para que despertes antes que te tornes um criminoso.



Aloísio - Cala-te, já disse. Como podes julgar-me tão baixo?

Herculano - Bem quizera poder verificar o meu engano, Aloísio, e então não teria nenhuma dúvida em pedir-te, de joelhos, perdão pela minha injustiça, mas infelizmente, quando me resolvi a vir falar-te neste assunto, eu já tinha, inclusive, uma cópia do exame que trazes facha do a chave e que Natália, a meu pedido, conseguiu tirar. (Pausa) Aqui o tens, vê. (Pausa) Dize-me se, acaso, ele difere em alguma coisa do original. (Pausa).

Aloísio - (depois de pausa, grave e depois crescendo) Parece mentira que o meu melhor amigo e a minha ~~amiga~~ antiga enfermeira, organizem um complot para me difamar! E o meu caráter? E a minha conduta de tantos anos? E a minha idoneidade moral? E os meus sentimentos de ser humano e de homem digno? Nada disso tem força suficiente para me resguardar? Mas então de que vale ser puro e ser bom, se uma simples desconfiança é capaz de nivelar-nos ao ser mais abjeto e ignóbil? Creem que eu seja uma pústula? A pústula são vocês que tem capacidade para tanta infâmia.

Herculano - Aloísio, eu...

Aloísio - (cortando, violento) Chega! Não quero ouvir mais nem uma palavra. Quero que te retires imediatamente do meu consultório e esqueças, para o resto dos teus dias, que um dia fomos amigos. (Pausa) Vamos, retira-te. (Pausa) Retira-te, não ouves? (gritando, forte) Retira-te!...

C/REGRA - PASSOS BEM MARCADOS E LENTOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE BATE AFAST.

Aloísio - (depois de pausa, desespero fundo) Oh, meu Deus, meu Deus!... Que faço, meu Deus? Que faço?!...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL VIOLENTA, FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO SEGUNDO ATO.

3º A T O.

CONTROLE - ABERTURA DO TERCEIRO ATO.

Aloísio - (surpresa grande) Você aqui, Ana Celia?!... Mas que surpresa tão grande!... Sumiu do meu consultório... nunca mais deu notícias, nem apareceu... julguei que tivesse brigado comigo.

Ana - Óra essa, doutor! Que motivo poderia levar-me a tamanha violência? Eu poderei ter inúmeros defeitos mas não sou ingrata e não esqueço



quanto o senhor foi meu amigo, mantendo em completo sigilo o mal que me aflige.

Aloísio - Não fiz mais do que cumprir com o meu dever de profissional.

Ana - Mas no meu caso, muitos dos seus colegas pensariam que o dever seria justamente o inverso e buscariam relatar, logo, toda a verdade ao meu noivo. O senhor compreendeu, de imediato, as razões que me <sup>levavam</sup> ~~impunham~~ a manter o meu segredo e não só concordou com o meu ponto de vista como ainda me auxiliou muitíssimo, não deixando transpirar uma única palavra a respeito.

Aloísio - A minha luta interior, Ana Celia, confesso que não foi pequena, mas eu havia prometido a você o meu silêncio e cumpri a minha palavra.

Ana - Obrigada, doutor. Deus o recompensará. (Pausa) Emagreci bastante nestes dois meses, não é verdade?

Aloísio - Um pouco, sim.

Ana - Sabe... o que vim fazer aqui?

Aloísio - Gostaria bem que tivesse sido para dizer-me que resolveu operar-se.

Ana - Não, doutor, não foi para isso que vim. A minha resolução em contrário foi pensada e medida em todas as horas de uma longa noite de insônia e de agonia. Vim para participar-lhe o meu casamento amanhã às onze horas, na Igreja de Santo Antonio.

CONTROLE 2- NA PALAVRA "CASAMENTO" ACORDE TRÁGICO EM FUNDO, SEM CORTAR.

Aloísio - Você... você se casa amanhã?!...

Ana - Finalmente, doutor. Era... era a única coisa que eu desejava fazer, ainda, antes que... bem, o senhor sabe, não vale a pena falar.

Aloísio - Está... está feliz, Ana Célia?

Ana - O quanto pode estar uma noiva... na minha situação.

Aloísio - (pausa) É... realmente...

Ana - (depois de pausa) O senhor... não me deseja felicidades?

Aloísio - Claro que sim. Desejo-lhe, como não? A você e... e ao seu noivo, também.

Ana - Ele sim. Ele está completamente feliz. Não suspeita, sequer, que o céu azul e ensolarado da sua felicidade, estará coberto, amanhã, de pesadas nuvens cor de chumbo. (TOM) Bem, doutor, deixemos isto de parte. Eu vim aqui, apenas, para participar-lhe o meu casamento e trazer-lhe o meu abraço de despedida.



Aloísio - Não, não, o meu abraço eu irei levar-<sup>lo</sup> amanhã, na hora da cerimônia.

Ana - (contente) O senhor irá assistir o meu casamento, doutor?

Aloísio - Vou, sim. Faço questão absoluta.

Ana - Obrigada, meu bom amigo. Nem sabe quanto isto me alegra. Até/ amanhã, então, doutor. (afastando-se) Às onze horas, na igreja de Santo Antônio, não esqueça.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

Ana - (aproximando-se) Ah, doutor, não estou contente com a sua visita à minha casa. Garanto que veio me dizer que não poderá ir amanhã à igreja, como me prometeu.

Aloísio - Não, não, não/ é isto. É que depois que você saiu do meu consultório esta tarde, eu fiquei a meditar longamente sobre o seu caso e cheguei à conclusão de que precisava vir à sua casa esta noite para lhe confessar uma fraqueza minha e poder ficar em paz com a minha consciência.

Ana - Não estou entendendo, doutor.

Aloísio - Eu farei ~~logo~~ com que você ~~entenda~~ logo entenda. Estamos sós?

Ana - Mais ou menos. Tenho duas amigas que me vieram ajudar nos últimos aprontes mas estão lá na cosinha fazendo doces e não ouvirão o que conversarmos. Pode falar sem receio.

Aloísio - Ana Celia... o fascínio da sua beleza arrastou-me à prática de uma tremenda infâmia, da qual eu venho, agora, me penitenciar.

Ana - Doutor! O senhor me assusta...

Aloísio - Ana Celia, você... você não tem nada daquilo que eu lhe disse.

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO, EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

Ana - Como, doutor?! Eu... eu não consigo perceber nada do que o senhor me fala.

Aloísio - Serei mais claro e preciso. Venho lhe dizer que você não está doente. Que você não tem nada daquilo que eu lhe disse e que toda aquela história de operação e seis meses de vida e resultado positivo nos exames de laboratório, tudo aquilo foi uma mentira de que me vali, na esperança de que você desmanchasse o seu casamento para que eu pudesse me casar com você.

Ana - Não... não é possível... Não é possível.



Aloísio - É possível, sim, menina. Creia no que estou lhe afirmando agora.

Bem sei que não é fácil acreditar que um homem da minha t<sup>em</sup>pera e com o meu passado, possa ter se deixado arrastar por uma paixão absurda - e o que é piór - tenha usado de um ardil tão mesquinho e tão baixo, para ver realizada a sua ambição de felicidade, mas a verdade é que o diabo se aprás em desviar do caminho reto os homens mais retos e o amor, principalmente na minha idade; possui a faculdade extraordinária de amolecer o nosso cérebro e cegar os nossos olhos. Eu sou um homem quasi velho.... um solteirão... Vi você, moça, é bonita, elegante e bem feita... dona de uns olhos e de um sorriso maravilhosos... e deixei-me enrredar pelos seus encantos como um garoto inexperiente. Dali, a pensar no plano que deveria afastá-la do seu noivo, foi ~~xxxxxxxxxxxx~~ apenas um momento. Um mau momento, confesso, mas a verdade é que aconteceu. Venho pedir-lhe que me perdôe e que não me queira mal pela minha ~~fraqueza~~ fraqueza.

Ana - Mas então eu... eu não tenho... aquela doença horrível?

Aloísio - Não, Ana Célia. Você não tem nada. Está apenas enfraquecida e nervosa, mas logo ficará curada.

Ana - (quasi chorando de emoção) Doutor... o senhor... o senhor jura que eu... que eu não tenho mesmo nada?

Aloísio - (Pausa) Juro.

Ana - (chorando e rindo ao mesmo tempo) Oh doutor... como... como eu estou feliz, agora... foi... foi o mais lindo presente... que eu... que eu recebi pelo meu casamento... Deus m'o mandou... pelas suas mãos, doutor!... Obrigada, meu Deus!... E obrigada também ao senhor, doutor!... Obrigada!... Mil vezes obrigada, por tanta felicidade junta!... (ri e chora por alguns momentos) Obrigada, Meu Deus! Obrigada

CONTROLE - AO SINAL DA DIREÇÃO ENTRA COM CORTINA FORTE, ABAFANDO O CHORO.

Herculano - Aloísio, você deve estar profundamente magoado comigo e por isso mesmo eu não poderia deixar de voltar aqui para lhe pedir que me perdôe o ter feito mau juízo de você.

Aloísio - Você me pede desculpas por ter feito mau juízo como homem... ou como médico?

Herculano - Como médico, é claro, visto que, como homem, você não teve nenhuma culpa de se apaixonar pela moça. Ela é realmente bonita e você, afinal é um homem livre. Sei bem como são essas coisas do coração. Ele quasi nunca nos obedece.



Aloísio - Pois bem, Herculano, si você pensa que eu realmente me apaixonei por Ana Célia, também aí você andou mal. Nunca senti por ela mais que ternura e piedade. A verdade, a dolorosa verdade é uma só: Ana Célia tem um câncer no seio.

Herculano - Eu sei. Fui ao laboratório me certificar e por isso estou aqui para lhe pedir desculpas. Sei mais: que você pediu ao laboratório um resultado falso, negativo e, desse resultado nasceu toda a confusão de Natália e, por consequência, a minha também.

Aloísio - Exato. Ouça agora, Herculano: si você realmente deseja fazer alguma coisa para reparar a injustiça que me fez, essa coisa eu lhe peço que seja o completo silêncio sobre a verdadeira situação da pobre moça. Ninguém deve saber a verdade, entende? Ninguém... e principalmente ela.

Herculano - Mas como?!... Você mesmo já não lhe disse toda a verdade?

Aloísio - <sup>Ontem</sup> ~~Hoje~~ desfiz essa verdade com uma mentira que a fez imensamente feliz ~~porque ela pensa que é verdadeiramente a verdade.~~

Herculano - Que mentira foi essa? Posso saber?

Aloísio - Disse-lhe o que vocês supunham que fôsse a verdade: que me apaixonara por ela e inventara toda aquela historia para afastá-la do seu noivo e conquistá-la para mim. Você precisava ver a alegria da pobre menina. Ria e chorava de felicidade! Ao sair da sua casa entrei numa igreja e pedi a Deus que me perdoasse e que procurasse compreender a minha intenção. Já que ela resolvera sacrificar a sua vida para que o noivo pudesse fruir ~~em~~ uns poucos meses de felicidade, eu achei que era justo que também ela participasse dessa felicidade, acreditando-se livre do pesadelo <sup>terrible</sup> de uma doença mortal. Ela vai morrer, dentro de seis, oito, dez meses - quem sabe? - mas até que volte a se convencer do seu triste destino, terá vivido, em felicidade completa, o seu sonho de moça. Foi o presente que escolhi para as suas núpcias... e o melhor que ~~ela~~ ela poderia ter recebido.

Herculano - (comovido) Aloísio... deixa-me que te abraçe. (Pausa) Que grande coração!...

CONTROLE - CARACTERÍSTICA GRANDIOSA PARA FINAL DO TERCEIRO ATO.